

25 de junho de 1958

**Seminário da quarta-feira de 25 de junho de 1958**

Na última vez chegamos ao ponto onde começamos a tentar, concetricamente, designar a constelação do desejo do obsessivo, e anunciei para hoje que, no interior daquilo que comecei a cercar ao falar da posição da demanda no obsessivo, esta demanda tão precocemente sentida pelo outro como provida deste acento especial de insistência que a torna tão difícil de tolerar; por outro lado, esta necessidade de destruição do desejo do outro no obsessivo; também algo que desde já preparava nosso propósito de hoje, a saber, a função de certos fantasmas.

Evidentemente não é em vão que, no trabalho do autor que escolhi tomar como base, menos de uma crítica no sentido polêmico da palavra, que de uma crítica no sentido analítico da palavra, exame daquilo que se extrai, daquilo que o próprio autor articula, não é em vão que este *fantasma fálico* sob a forma nomeadamente na análise de 1950 (*Revista Francesa de Psicanálise n° 2, 1950. abril-junho*), nomeadamente, pois, neste artigo, este *fantasma fálico* vem sob a forma do exame especial da importância que o desejo do pênis toma na mulher no decurso de uma análise de uma neurose obsessiva.

Não é evidentemente tudo aquilo que lhes ensino, que a importância do *significante fálo* naturalmente aqui comprovará que se dá a este elemento uma importância exagerada. Trata-se de ver como se usa ele, e evidentemente também não se trata de entregar a este pequeno jogo fácil de criticar o resultado de um tratamento, aliás apresentado como inacabado, e de julgar, do lado de fora, algo em que não se entrou.

Simplesmente nesta observação o importante é que nada daquilo que lhes dou como elemento marcante, de alguma forma, digamos, das hesitações da direção, e até de uma direção francamente oposta àquela que poderia nos parecer lógica. Se nós o fazemos, nunca é - não digo a partir da própria observação considerada como uma continuação e um relatório do fato - mas a partir das articulações do próprio autor, quero dizer, quer das interrogações que ele se faz que vocês sempre encontram expressas no lugar certo, adequado, pois, claro, as propriedades da mente humana são o bom senso em particular, são bem, como foi dito com razão, não sem ironia, a coisa mais difundida do mundo, e não é duvidoso que aquilo que faz obstáculo aqui já fez obstáculo na mente dos autores e que, além disso, é um fato que nestas observações estes obstáculos estão plenamente articulados. Há interrogações; eu diria muito mais, há observações que concernem à conclusão paradoxal, à não-conclusão daquilo que se buscava. Há, enfim, contradições às quais o próprio autor talvez não dê toda a importância que podem ter, mas que certamente podem ser qualificadas como tais, já que estão inscritas preto no branco em seu texto.

Pois, para chegarmos àquilo que vamos tentar formular hoje, concernente àquilo que constitui a direção geral deste tratamento, à maneira pela qual ele se articula, vamos primeiro tentar ir ao vivo daquilo de que se trata, isto é, colocar a diferença que há entre algo que se apresenta como articulado e não como articulável, e aquilo que é visado e feito efetivamente.

Tomemos nosso esquema como ponto de partida e comecemos por fazer dele o lugar de um certo número de posição que ele completa e que nos permitem igualmente nos reencontrarmos sobre o que conhecemos de mais familiar e que nele está representado numa certa ordem e uma certa *topologia*.

25 de junho de 1958

Perguntando mais uma vez: o que é esta linha significante, a linha superior de nosso esquema? É, dissemos, uma linha estruturada como uma linguagem. Por isso é uma linha significante. Por outro lado, por ser estruturada como uma linguagem, é precisamente esta espécie de frase que o sujeito não pode articular, e que devemos ajudá-lo a articular.

Como está situada no esquema? Como podemos entendê-la? É o conjunto da neurose que ela estrutura, sendo aqui a neurose idêntica não a um objeto, a uma espécie de parasita, a algo que seria estranho, estrangeiro à personalidade do sujeito, mas que é justamente toda a estrutura analítica que está em seu atos, sua conduta.

Em suma, à medida que progrediu nossa concepção concernente à neurose, nós constatamos que ela não está simplesmente feita de sintomas decompostos em seus elementos significantes, nos efeitos de significado deste significante, posto que é assim que aprendi a retraduzir aquilo que Freud articula, mas que toda sua personalidade, de certa forma, leva a marca de suas relações estruturais, é algo que vai muito além daquilo que a palavra personalidade leva numa espécie de acepção primeira, comportou de estático, isto é, o que se chama o caráter. Não é isso, é a personalidade no sentido em que desenha nos comportamentos, nas relações ao outro e aos outros, um certo movimento que é sempre o mesmo, uma escansão, um certo modo de passagem do outro ao outro e ainda a um outro que se reencontra sempre e sem cessar, que forma o fundo, a modulação, se quiserem, da ação obsessiva.

Isto quer dizer que o conjunto do comportamento obsessivo e até histérico aliás, se dissermos que isto está estruturado como uma linguagem, eu diria que não é para dizer que além daquilo que a linguagem articulada que se chama discurso, é algo que, tomando todos os atos do sujeito, teria esta espécie de equivalência à linguagem que há naquilo que se chama um gesto, pois um gesto não é simplesmente um movimento bem definido, o gesto é significante. Isso não seria suficiente para aquilo que recobre: quase que se poderia usar a expressão em francês, perfeitamente exata, de uma *gesta*, no sentido em que é usada na *canção de gesta*, a Canção de Roland, isto é, a suma de sua história.

Afinal de contas é uma palavra, se quiserem, a suma do comportamento do neurótico se apresenta como uma palavra, e mesmo como um palavra plena, no sentido em que vimos o sentido primitivo desta palavra plena que engaja sob a forma de um discurso, de uma palavra plena, ela também, mas de uma palavra no sentido criptográfico, desconhecida pelo sujeito quanto ao sentido, ainda que ele a pronuncie com todo seu ser, por tudo quanto ele manifesta, por tudo quanto ele evoca e tem realizado, inelutavelmente, numa certa via de acabamento e de inacabamento, se nada intervir aí que seja desta ordem, e de oscilação que se chama a análise, pois, uma palavra pronunciada por este sujeito barrado, este sujeito barrado a ele mesmo que chamamos de a consciência.

É assim que representamos sob a forma de um *signo*. Aqui é exatamente daquilo que se trata. Em suma, o que vocês vêm se discernir nesta distinção que estamos fazendo, é que definimos o Outro com grande *O*, como o lugar da palavra, o Outro se institui e se desenha pelo único fato que o sujeito fala. Pelo fato de que ele usa a palavra, este grande Outro nasce como lugar da palavra. Isso não quer dizer que ele esteja, por isso, realizado como sujeito em sua alteridade. O Outro é evocado toda vez que há palavra.

Penso não precisar voltar sobre isto. Insisti bastante, mas o que estão vendo, este além, que é justamente o que se articula na linha alta de nosso esquema, é em suma, o outro do outro. É esta palavra que está articulada no horizonte do outro como tal, é do outro deste outro

25 de junho de 1958

que se trata, e de quem diremos que este outro do outro, a saber, o lugar onde a palavra do outro se desenha como tal, não haveria razão alguma para que nos estivesse fechado. É mesmo o princípio da relação subjetiva como tal, é que este Outro como lugar da palavra, nos está imediata e efetivamente dado como sujeito, isto é, como sujeito que nos pensa, nós mesmos como seu outro. Este é o princípio de toda e qualquer estratégia. Quando estão jogando xadrez com alguém, vocês lhe atribuem tantos cálculos quantos vocês fazem. Por que, posto que ousemos dizer que este outro do Outro que deveria ser para nós o elemento mais transparente, é dado, de alguma forma, com a dimensão do Outro que este outro do Outro, é a mesma onde se articula o discurso do inconsciente, este algo articulado que para nós não está articulável. Por que devemos fazê-lo? O que é que faz com que estejamos com direito de fazê-lo? É muito simples: este outro na experiência e pelas condições da vida humana, que faz com que a vida humana, justamente, esteja engajada na condição da palavra, este outro ao qual estamos submetidos pela condição da demanda, não sabemos o que nossa demanda é para ele. E por que não o sabemos? O que lhe dá esta opacidade?

Aí estão as evidências. Observem o que digo. Mas, ainda, evidências cujos dados justamente não são menos úteis para articular. Nós nos satisfazemos sempre obscurecendo-as sob forma de espécie de objeções prematuras. Por que é este outro do qual não sabemos como ele acolhe nossa demanda? Em outras palavras, por que, em nossa estratégia, ele vai se tornar [Autre - ~~A~~ barrado] e realizar esta posição de seu discurso?

É isso que quero dizer, quando digo que o inconsciente é o discurso do Outro. É o que ocorre virtualmente no horizonte do outro do Outro, na medida em que é aí que se produz a palavra do Outro, e esta palavra do Outro, na medida em que se torna nosso inconsciente, isto é, algo que em nós presentifica, necessariamente, pelo único fato de que neste lugar da palavra, fazermos viver um outro capaz de nos responder. É bem por isso que é opaco, é porque há nele algo que não conhecemos e que nos separa da resposta à nossa demanda, e não é outra coisa que se chama seu desejo.

Isto basta para nos mostrar que o ponto essencial desta observação que só aparentemente é evidente, toma seu valor em função disto: Que este desejo justamente está situado aí, entre o Outro na qualidade de lugar puro e simples da palavra e o outro na qualidade de ser de carne à mercê do qual estamos para a satisfação de nossa demanda. Mas que este desejo esteja situado aí, é justamente o que condiciona sua relação com algo que é justamente da ordem da palavra, que é esta simbolização da ação do significante sobre o sujeito como tal, esta coisa que faz, em suma, aquilo que chamamos de um sujeito, que simbolizamos com este \$.

É outra que não pura e simplesmente um si-mesmo; quero dizer, aquilo que em inglês se chama com uma palavra elegante, o fato de dizê-lo em inglês permite bem isolá-lo, distingui-lo, é o *self* isto é, o que há de irredutível nesta presença do indivíduo no mundo, este algo se torna sujeito propriamente falando, e sujeito barrado no sentido em que o simbolizamos, na medida em que está marcado por esta condição que o subordina, não só ao Outro na qualidade de lugar da palavra, é o sujeito definido como momento, não de uma certa relação ao mundo, de uma relação do olho ao mundo, da relação sujeito-objeto que é o do conhecimento no sujeito na medida em que nasce no momento da emergência do indivíduo humano nas condições da palavra, e na medida, pois, em que está marcado, eu o disse, pelo outro, não simplesmente na qualidade de lugar da palavra, mas na qualidade de ele mesmo, este outro, estar condicionado e marcado por estas condições da palavra.

25 de junho de 1958

O que vemos neste horizonte assim tornado opaco pelo obstáculo do desejo do Outro? É algo que manda o sujeito, assim marcada a sua própria demanda, o coloca numa certa relação, a relação aqui marcada pelo símbolo do pequeno losango que expliquei na última vez, a sua demanda, na medida em que o Outro, precisamente, não responde mais, como se diz. Aqui, **O** grande não responde mais, o que é muito famoso sob outras iniciais. No nível do sujeito, o que no horizonte tende a ocorrer, é esta confrontação, este reenvio do sujeito à sua demanda, sob as formas dos significantes, pode-se dizer, englobantes em relação ao sujeito, estes significantes dos quais o próprio sujeito se torna o signo. É no horizonte desta não-resposta do Outro que vemos se delinear, na análise e na medida justamente em que o analista, no início, na medida em que ele não é outra coisa a não ser o lugar da palavra, um ouvido que escuta e que não responde, vai, em suma, incentivar o sujeito a se desligar, a se opor a algo que a experiência mostra que se mostra em filigrana em seu discurso, isto é, estas formas de demanda que aparecem sob a forma daquilo que chamamos de fase anal, fase oral, fase de todas as maneiras que quiserem, mas que se caracterizam pelo quê? O que queremos dizer quando falamos destas fases? Não esqueçamos que nosso sujeito não volta a nós progressivamente no estado de criança de peito. Não nos entregamos a uma operação faquirica. Penso que seria preciso ver o sujeito remontar o curso do tempo e se reduzir no fim à semente que o gerou. É de significantes que se trata. O que chamamos de fase anal, fase oral, é a maneira pela qual o sujeito articula sua demanda pela aparição em seu discurso, aqui no sentido mais vasto, em toda a maneira pela qual se presentifica diante de nós sua neurose, estes significantes que se têm formado em tal ou tal etapa de seu desenvolvimento, que eram os significantes que serviam nas fases, quer mais recentes, quer mais antigas, para articular sua demanda.

O que se chama em outras palavras, por exemplo, fixação, é a prevalência conservada por tal ou tal forma de significante oral, anal ou outro, com todas as nuances que aprenderam a articular. É isso que isso quer dizer. É a importância especial que certos sistemas significantes têm guardado, conservado, e que se chama regressão. É o que ocorre, na medida em que estes significantes são alcançados pela abertura do discurso do sujeito, precisamente disto, de ser simplesmente, na qualidade de palavra, sem que ela tenha nada a pedir de especial, ela se perfila na dimensão da demanda, e é por isso que toda a perspectiva está retroativamente recoberta sobre aquilo em que o sujeito viveu desde sua mais tenra infância, a saber, precisamente, a condição da demanda.

Trata-se de saber o que fazemos desta regressão. Toda a questão está aí. Estamos aqui para responder ou para dizer o que acontece quando não respondemos e o que podemos fazer em compensação, é algo, pois, que devemos considerar como estando na estrutura do próprio discurso. Ora, é sempre aí que o descobrimos nestas duas linhas significantes abaixo:

$$\frac{S_1 \dots S_2 \dots S_3 \dots S_4 \dots}{S_1 \dots S_2 \dots S_3 \dots S_4 \dots}$$

sendo as significações sempre produzidas segundo a lei da cadeia significante. Se quiserem, estas duas coisas se equivalem por uma antecipação da seqüência significante, toda e qualquer cadeia significante abrindo diante de si o horizonte de seu próprio fim, e, ao mesmo tempo, por uma retroação, uma vez que veio o termo significante que duplica a frase, que faz com que aquilo que ocorre no nível do significante tenha sempre esta função retroativa. Aqui o **S**<sub>2</sub> se delinea no momento em que o **S**<sub>1</sub> se anuncia e só se acaba no momento em que o **S**<sub>2</sub> retroage sobre o **S**<sub>1</sub>. Uma certa decalagem sempre existe entre o significante e a significação, e é isso que dá a esta significação, na medida em que não é uma

25 de junho de 1958

significação natural, não está ligado a este esboço todo momentâneo da instância da necessidade no sujeito, que dele faz algo essencialmente metonímico, isto é, sempre ligado àquilo que liga em si à cadeia significante, àquilo que a constitui como tal, a seus laços, a estes nós que justamente podemos chamar aqui, momentaneamente, e para distingui-lo de um certo sigma, se quiserem, isto é, este além da cadeia significante na qual estamos tentando reduzi-lo, estes significantes que encontramos precisamente nesta confrontação do sujeito à demanda, nesta espécie de redução de seu discurso a estes significantes elementares que é aquilo que discernimos em filigrana em tudo quanto nos evoca e que é justamente o fundo de nossa experiência, aquilo por que reencontramos as mesmas leis estruturais em toda a conduta do sujeito, no modo com que ele o exprime às vezes para nós, e até mesmo na escansão, na maneira motora pela qual ele o articula, na medida em que um gaguejamento, uma balbúciação ou não importa que qualquer tropeço já referido de palavra pode ser significativo para nós de algo que, fundamentalmente, é da ordem de um significante da demanda como falta anal ou oral.

O que isto nos permite, de passagem, conceber? É que é disso que se trata e que faz com que um pequeno grupo de estudo dirigido pelo mais amigável de meus colegas, a saber, Lagache, fez a descoberta com um espanto que deve ser motivado por uma espécie de mal-entendido permanente, a saber, que em todo lugar onde em francês vemos a palavra *instinto* nas referências feitas ao texto alemão - e isso foi uma surpresa para o grupo - nunca se encontra outra coisa senão o termo *Trieb* *Trieb*, ou pulsão, como traduzimos, e, na verdade, pulsão obscurece mais a coisa. O termo inglês é *drive* [*trease*, no policopiado]<sup>1</sup>, e se quiséssemos encontrar algo em francês, não temos nada que permita traduzi-lo, haja visto o verdadeiro sentido de *Trieb*. Eu diria que é uma palavra que seria preciso escolher entre uma palavra científica que é tropismo, que é especialmente feita para designar os elementos irresistíveis de certas atrações [*attractions*] consideradas como irreduzíveis à atração físico-química tal como se exerceria no comportamento animal, que nos permitiria justamente exorcizar o lado sempre mais ou menos finalista que há no termo *instinto*. Eu diria que algo, afinal de contas, desta ordem que encontramos aqui em nossa noção freudiana de *Trieb*. Traduzimo-lo, se quiserem, por atração [*attirance*], que eu estava usando há pouco para falar dos tropismos, com a diferença que aí se trataria deste algo que situa o sujeito humano numa certa dependência necessária de algo que evidentemente - não posso dizer que o ser humano não seja o sujeito obscuro sob formas gregárias da atração orgânica em direção ao elemento clima, por exemplo, ou de outra natureza. Evidentemente não é aí que se desenvolve nosso interesse no campo que somos chamados a explorar na análise. É algo que nos faz falar destas diversas fases, oral, anal, genital e outras. E o que vemos?

É que na teoria analítica, é com efeito uma certa necessidade, uma certa relação que o coloca numa certa relação de subordinação, de dependência, de organização e de atração em relação a quê? A significantes tomados de empréstimo, a quê? Ao registro, à bateria de um certo número de seus próprios órgãos.

Não é dizer nada mais a não ser que sobrevive uma fixação oral ou anal num sujeito adulto, se não for, precisamente, fazê-lo depender de quê? De uma certa relação imaginária. Mas sem dúvida alguma, o que articulamos aqui, é que isto é levado à função de significante. Se não estivesse isolado como tal, mortificado como tal, isso não poderia ter a ação econômica que tem no sujeito, por uma simples razão, é que as imagens como tais nunca estão ligadas

<sup>1</sup> *Trease* deve ser um erro na transcrição, pois tal palavra não existe em inglês. *Drive*, no caso, seria a palavra mais adequada.

25 de junho de 1958

precisamente senão à suscitação ou à satisfação de necessidade. Isto não deixa de dizê-lo, quando necessário, quando se trata pura e simplesmente de necessidade, se o sujeito permanecer ligado, de alguma forma, a estas imagens, fora de seu texto, e orais, lá onde se trata de alimentação, e anais, lá onde não se trata de excrementos, é que estas imagens tomaram outra função. É da função significante que se trata. A *pulsão* como tal, é justamente a expressão manejável de conceitos que valem, para nós, que são válidos, e que são justamente, o que nos exprime esta dependência do sujeito em relação a um certo significante.

O que é importante é que o desejo do sujeito encontrado como o além da demanda é aquilo que o faz opaco à nossa demanda e aquilo que instala seu próprio discurso com algo que é absolutamente necessário à nossa estrutura, mas que por certos lados, nos é impenetrável, que faz dele um discurso inconsciente.

Este desejo, pois, que é a condição (deste discurso) está submetido à existência de um certo efeito de significante, o que lhes expliquei no início deste ano, quero dizer a partir de janeiro, sob o nome da *metáfora paterna*. Isto significa que é na medida em que aparece no horizonte o *nome-do-pai*, na qualidade de suporte da cadeia significante, da ordem instaurada pela cadeia significante, é unicamente na medida em que esta metáfora se estabelece do desejo primitivo, do desejo opaco, do desejo obscuro que representa o desejo da mãe, deste algo que primeiro está completamente fechado para o sujeito, e que só pode permanecer fechado em razão da fórmula da metáfora, a saber, aquela que já simbolizei pela relação de dois significantes, sendo que um está em duas posições diferentes :

$$\begin{array}{cc}
 \frac{S}{S'} & \frac{S'}{X} \\
 \hline
 \text{Obs.:} & \frac{\text{Nome do Pai}}{\text{Desejo da mãe}} \quad \times \quad \frac{\text{Desejo da mãe}}{\text{(simbolização do desejo da Mãe)}}
 \end{array}$$

o *nome do pai* sobre o desejo da mãe, e o desejo da mãe sobre sua simbolização.

Sua determinação como significado é algo que ocorre por um efeito metafórico e, eu o disse, lá onde o nome do pai falta, é precisamente lá que não ocorre este efeito metafórico. Não consigo fazer vir à luz isto que faz designar o *X*, a saber, o desejo da mãe como sendo propriamente o *significante fala*

$$\begin{array}{c}
 (s) \\
 S \frac{\quad}{(falo)}
 \end{array}$$

É o que ocorre na psicose, na medida em que o nome do pai está rejeitado, quero dizer, é o objeto de uma *Verwerfung* primitiva que não entra no ciclo dos significantes, e é por isso que o desejo do outro, nomeadamente o desejo da mãe, aí não está simbolizado. É mui precisamente sobre este esquema, se devêssemos representar a posição da psicose, o que nos faria dizer que este desejo como tal, não quero dizer na qualidade de existente, todos sabem que mesmo as mães de psicóticos têm um desejo, ainda que não seja sempre certo, mas certamente ele não está simbolizado no sistema do sujeito, o que nos permite ver o que vemos, a saber, que para o psicótico, a palavra do Outro não passa em seu inconsciente; o Outro, na qualidade de lugar da palavra, lhe fala sem cessar. Isso não quer dizer forçosamente você ou eu; isso quer dizer aproximadamente a soma daquilo que lhe é oferecido como campo de percepção. Este campo lhe fala de nós naturalmente, e, para

25 de junho de 1958

tomar um exemplo, o primeiro que vem à memória, bem conhecido, recitado ontem à noite por Ayme [Neiz(?)] naquilo que ele dizia, que nos delírios a cor vermelha de um carro pode querer dizer que ele é imoral. Tudo lhe fala porque nada da organização simbólica destinada a mandar o outro de volta lá onde ele deve estar, isto é, em seu inconsciente, nada se realizou desta ordem, e é sobre isso, por assim dizer, que o Outro fala de uma maneira totalmente homogênea a esta primeira e primitiva palavra que é a da demanda. É por isso que tudo se sonoriza, que *isso fala*, que está no inconsciente para o sujeito neurótico, está do lado de fora para o sujeito psicótico. Que isso fale, e que isso fale da maneira mais natural, não há por que se admirar. Se o Outro é o lugar da palavra, é aí que isso fala, e que ecoa por todos os lados.

Naturalmente encontramos o caso extremo disso no ponto de desencadeamento da psicose, lá onde, como sempre formulei, o que é *Verwerfung* ou rejeitado do simbólico, reaparece no *real* este *real* de que se trata, é justamente isso a alucinação, isto é, o *Outro na medida em que fala*. É sempre no Outro, evidentemente, que isso fala, mas aí isso toma a forma do real. O sujeito psicótico, não duvida: é o Outro que está lhe falando, lhe fala por todos os significantes, e basta se abaixar para apanhá-los de montão no mundo humano. O cartaz, etc, tudo quanto nos rodeia tem um caráter marcado de significante. O caráter de abandono, de dissolução será maior ou menor, conforme o estado da psicose. Tudo quanto vemos e que Freud nos articula como sendo aquilo em que a psicose se organiza, se articula, sendo justamente feito para suprir esta ausência em seu ponto organizado, quero dizer descendente da estrutura significante do desejo do Outro, pois o que são as formas mais benignas da psicose nos apresentam, se não, evidentemente, fundamentalmente, e totalmente no estado extremo da dissolução, um puro e simples discurso do Outro, a saber, que isso vem aqui escandir sob a forma de uma significação, isto é, como mostrei há dois anos, esta espécie muito curiosa de decomposição da palavra que, pela própria estrutura daquilo que nos é apresentado aqui - não podia mostrá-lo então - se mostram necessariamente como sendo código da mensagem. Sobre o código, o que é reenviado de *O* está em seguida tudo quanto o sujeito tem a seu dispor para viver o discurso do Outro.

Vocês lembram *Schreber*, a língua fundamental. Cada palavra que lhe é dada comporta em si mesma esta espécie de definição cujo advento se produz na emissão da própria palavra. É um código de mensagem sobre o código, e inversamente, estas frases como *é.., tu só precisas...*

Talvez ele queria, e ainda o queria de mais na frase. Mas só há isso, isto é, uma série de mensagens que não visam senão aquilo que no código se refere ao mensageiro, designam estas partículas, estes pronomes pessoais, estes verbos auxiliares, designam o lugar do mensageiro.

Isto se reporta estritamente sobre este grafo. Não quero me deter demais. Vocês o verão em meu artigo sobre as psicoses que vai sair, vai ser publicado, onde fiz um pouco a síntese de meu curso de há dois anos, com o que faço este ano. Não quero insistir nisto agora. O que quero lhes dizer a este propósito, é que é totalmente evidente que algo como o delírio de ciúme tal como o próprio Freud o articula como negação do sujeito, do eu o amo, sendo o eu o amo menos o sujeito homossexual que o sujeito semelhante, isto é, evidentemente, o como tal homossexual. Freud diz: não sou eu que ele ama, é ela. O que isso quer dizer, se não for precisamente que o desejo de ciúme, na medida em que faz obstáculo a este puro e simples desencadeamento da palavra, da interpretação, é justamente este algo que ele tenta restaurar, restituir, o desejo do Outro, a estrutura do desejo de ciúme, é justamente atribuir ao Outro um desejo que é esta espécie de desejo esboçado, delineado no imaginário, que é

25 de junho de 1958

o do sujeito. Ele está atribuído ao Outro: não sou eu que ele ama, o sujeito, o rival, é minha cônjuge. Eu tento, como psicótico, instituir no Outro este desejo que é mui precisamente esta função, esta relação essencial que não me está dada porque sou psicótico, porque em nenhum lugar ocorreu esta metáfora essencial que dá ao desejo do Outro este *significante primordial*, este significante que se chama o *significante falo* e cuja utilização vamos ver agora, a propósito daquilo que está sendo feito para esta paciente.

Este *significante falo* mantém-se mesmo quando seria qualquer coisa assaz obscura de admitir como sendo essencial e de algum modo preferencial em relação a todos os outros tipos de objetos que, aliás, ocasionalmente vemos desempenharem um papel homólogo, as equivalências que foram feitas entre o *significante falo* e o significante excremental, por exemplo, o significante seio, mais exatamente a extremidade do seio, objeto de toda alimentação, estão efetivamente aí. É dizer que está aberto a toda sorte de equivalências, o que é seu privilégio. Pode ser muito difícil descobrir o quê. É evidentemente este algo que o coloca num certo lugar em relação a algo que tem as mais altas funções nas relações do indivíduo à espécie, a saber o que se chama a fase genital.

Certo, mas é justamente por isso que é mais especialmente dependente que um outro de uma função de significância, é que os outros objetos, a mama materna ou esta parte do corpo que, sob a forma de coprólito<sup>2</sup>, se apresenta ocasionalmente como podendo ser a oportunidade de uma perda essencial para o sujeito. Tudo isso é algo que, até um certo grau, está dado fora, na qualidade de objeto. É uma moeda, por assim dizer, no intercâmbio amoroso que evidentemente precisa passar ao estado de significante para servir de meio, mas à maneira de escórias ou conchas que servem em certas tribos afastadas de objetos de intercâmbio. É algo que está já na ordem natural.

Observem bem que para o *falo* a coisa não é exatamente a mesma, porque o falo, sob sua *forma orgânica real*, o *pênis*, ou este algo que lhe corresponda na mulher, afinal, é preciso muito mais que para os objetos predeterminados, para que o sujeito faça dele um objeto, e, fantasmaticamente ou de outra maneira, um objeto destacável. Nunca se insiste bastante sobre a articulação do enigma que comporta o complexo de castração ou o *pênis-neid*, isto é, que este algo que é efetivamente algo que está fixado ao corpo e afinal não mais ameaçado que qualquer membro, braço ou perna, nariz ou orelha, para que este elemento que, afinal, não passa de ponto de volúpia.

É assim que o sujeito o descobre primeiro. O auto-erotismo masturbatório que desempenha efetivamente na história do sujeito um papel tão importante, absolutamente não é capaz, como sabem, de deflagrar tais catástrofes, como sabemos pela experiência, enquanto é na medida em que o órgão não está tomado no jogo significante, na retenção paterna, na interdição materna, ou paterna. Em outras palavras, é justamente porque este órgão que na origem para o sujeito não é nada mais que um ponto de volúpia de seu próprio corpo, na medida em que tem relação a ele mesmo, e certamente muito menos sujeito à caducidade que qualquer outro dos elementos que tomaram alcance significante em sua demanda anterior, que este elemento, este ponto de seu corpo, de sua relação orgânica a ele mesmo, é mais que um outro, que a tomada de uma cadeia metafórica na metáfora paterna, nomeadamente como tal, que deve desempenhar seu papel para fazer dele um significante que ao mesmo tempo se torna um significante muito privilegiado desta relação ao outro, do outro que dele faz um significante totalmente central do inconsciente.

---

<sup>2</sup> *Sq̄talc̄*, uma referência a bolotas duras de excremento humano no caso de constipação intestinal.



25 de junho de 1958

Assim entendemos que toda a dimensão que a análise nos abriu sobre este assunto era justamente este algo novo, totalmente inesperado em relação a tudo quanto havia sido formulado até então, que nos mostra bem, se eu conseguir articular aqui o que quero dizer, que é na medida em que este algo não passa de um órgão com o qual o sujeito mantém relações outras, totalmente inocentes; não esqueçamos que em nossa espécie fraterna, a dos macacos, basta que tenham ido em torno destes pequenos fossos que circundam uma certa plataforma do parque zoológico de Vincennes, para se aperceberem com que tranquilidade na qual estaríamos errados de projetar nossas próprias angústias, sobre esta pequena e corajosa tribo de babuínos e outros, que passam o dia ocupando-se de um sexo rutilante, sem se preocupar com o que vão pensar os vizinhos, salvo ajudando-os ocasionalmente nos regozijamentos coletivos.

Vocês sentem o mundo que há entre esta relação de uma certa espécie animal mais ou menos erigida em sua estatura com aquilo que lhe pende em baixo do ventre, e aquilo que no homem faz essencialmente do falo, e primitivamente do falo, e significante do falo o objeto de um culto, o que faz com que para nós, desde a origem das idades, ela se aparente a este algo que faz da ereção como tal, um significante e que nos faz sentir que não é por nada que em nossas culturas muito antigas, a pedra levantada tem todo seu alcance, toda sua incidência de significante no agrupamento da coletividade humana.

Pois este papel do falo aqui é fundamental, essencial, é sua passagem, sua emergência certamente não primordial mas depende de outra coisa, sua emergência metafórica na categoria de significante que é aquilo de que vai depender toda e qualquer situação possível de desejo do Outro como tal, na medida em que o sujeito deve encontrar nele o lugar de seu próprio desejo. É no interior dos acidentes do encontro do desejo do sujeito com o desejo do Outro, que ele deve significá-lo, seu desejo, é aí, e todo naturalmente aí, evidentemente que vamos ver funcionar o significante falo, e que vamos ver o que o sujeito, o sujeito colocado em condições atípicas, amorais, deficitárias, patológicas de neuróticos, mas no entanto numa constelação completa e não incompleta, trata-se do psicótico, a saber, frente aos quatro pontos cardinais postos da definição do desejo, vai dever se desenvolver.

Dissemos que o obsessivo é aquele que, nesta relação ao desejo do Outro, se encontra primordialmente, primitivamente a desfusão dos instintos. É reencontrá-lo numa posição tal que a primeira saída, a saída de partida, a que vai condicionar todas as suas dificuldades ulteriores vai ser que o desejo do Outro vai ser anulado.

Se dermos todo seu sentido pleno àquele que acabamos de dizer, o que isso quer dizer?

Anular o desejo do outro, não é a mesma coisa que ter, por carência, deficiência do ato metafórico, significante do pai, do nome do pai, estando na incapacidade de agarrar o desejo do Outro. Por outro lado, num real mais ou menos delirante, o desejo do outro é instituído, simbolizado, e mesmo simbolizado pelo falo, mas é negado na qualidade de tal. A relação primitiva do sujeito obsessivo a seu próprio desejo é algo fundado pela denegação do desejo do Outro. O termo de *Vernichtung* se aplica aqui no sentido em que precisamente Freud nos mostra as duas faces dele, que é simbolizado, articulado, mas que é provido do signo não.

Eis o algo frente a que o obsessivo é confrontado como a própria base de sua posição, e à qual ele deve responder pelas fórmulas de suplência, de compensação, não digo aqui nada de novo, simplesmente aplico a tríade colocada por todos os autores antes da formação do

25 de junho de 1958

obsessivo: a anulação, isolamento e reação de defesa. É isso que estou rearticulando para vocês. Observem simplesmente: é que para poder falar de anulação do que quer que seja no nível do sujeito, é preciso que se trate de significante, porque não se anula nada que não seja significante. Não há a mínima marca de anulação, mesmo concebível, no nível animal, e se encontrarmos algo que se lhe pareça, diremos que há um esboço de formação simbólica, mas o termo de anulação que aqui não é simplesmente aquilo que lhes falei quando se trata do apagamento de uma marca, mas, pelo contrário, a tomada de algo elementar e significante, sob o parêntese de algo que diz *isso não é* mas que, ao dizer *isso não é* todavia o coloca como significante. É sempre do significante que se trata.

De fato, é disso que se trata, se o obsessivo for levado a anular tantas coisas, é porque são coisas que se formulam.

O que são as coisas que se formulam? Sabemo-lo muito bem: é uma demanda, mas uma demanda de morte, e todos sabem que uma demanda de morte, sobretudo quando precoce, tendo como resultado destruir o Outro, e no primeiro plano o desejo do Outro, evidentemente destruindo com Outro tudo quanto em que o sujeito pode dever se articular, e é quanto mais necessário isolar as partes do discurso que podem ser conservadas em relação a estas partes do discurso que devem absolutamente ser apagadas e anuladas para que o sujeito não seja anulado também. E é a este jogo perpétuo de sim ou não, de separação, de triagem, daquilo que em sua própria palavra, em sua demanda, o destrói em relação àquilo que pode preservá-lo, àquilo que é necessário para a preservação do Outro como tal, pois o Outro não existe como tal senão no nível da articulação significante.

É nesta contradição que o sujeito obsessivo é constantemente preso, e é naquilo a que vocês sabem que ele está constantemente ocupado, precisamente em manter o Outro, manter a subsistência do Outro em relação a todas estas formulações linguageiras com que está ocupado mais do que ninguém, e que está justamente instituída para sustentar o Outro perpetuamente em perigo de cair, de sucumbir à demanda de morte; este Outro que é a condição essencial, no entanto, de sua própria manutenção de sua sobrevivência como sujeito. Ele nem poderia subsistir como sujeito se este Outro como tal estivesse efetivamente anulado.

Se algo se apresentar no nível significante como todo especialmente anulado, isto é, o que marca o *lugar do desejo do Outro* como tal, a saber o *falq* se aqui o *D* que lhes falei na última vez, que situa o desejo do obsessivo, é algo equivalente à anulação do falo, sentimos bem que efetivamente é em torno de algo que tem a mais estreita relação com o significante que tudo vai funcionar.

O que estou lhes explicando, a divisão que se apresenta entre um método conseqüente, a que faria menção desta função do falo, que a levaria em conta, como significante, e aquele que, por não tê-la elucidado, está reduzida a tatear em torno de algo que efetivamente se desenrola em torno do significante falo no sujeito, eis em que consiste esta diferença, eis o que será sua regra de ouro, se se derem ao trabalho de ler este artigo que indico, correndo o risco de lhes pedir de maneira assombrosa - mas talvez este risco não seja tão grande assim - o pedido do dito caderno às Presses Universitaires.

Esta regra que lhes permitirá discernir o que está sendo feito de certa maneira por esta conduta do tratamento com outra coisa, reside nisto: o que é uma relação acabada, completa, de um sujeito com seu próprio desejo, comporta sobre estas bases, sobre estas premissas. O sujeito humano, na medida em que deve assumir na qualidade de sujeito

25 de junho de 1958

humano e não como animal, seu desejo genital, deve realizar como significante essencial de seu desejo, a função do significante falo. É porque o significante falo está aí, no circuito, no circuito da articulação inconsciente do sujeito, que o sujeito humano pode ser humano mesmo quando está trepando.

Isto não quer dizer que ocasionalmente o sujeito humano não possa trepar como um animal, é mesmo uma espécie de ideal que se agita em algum lugar no mais profundo das esperanças de todos os sujeitos humanos. Não sei se a coisa está sendo frequentemente realizada; algumas se vangloriaram de ter chegado até lá. Não vejo por que não se acreditaria neles, mas não importa.

Para nós, o que sabemos, a experiência o mostrou, é que isso está submetido a dificuldades muito maiores, e estas dificuldades são dificuldades significantes. Isto explica por exemplo as perpétuas ambigüidades que aparecem a propósito de: tem se atingido o estágio genital ou fálico em tal momento? A criança atinge o estágio genital antes do período de latência, ou é simplesmente um estágio fálico?

É em torno disso que isso gira. Talvez as coisas fossem menos obscuras se se apercebessem que ocasionalmente, estágio fálico pode simplesmente querer dizer isto: acesso ao nível da significação do desejo genital. As duas coisas são diferentes quando, numa primeira abordagem, foi dito que a criança só conseguia chegar ao estágio fálico, só alcançava este estágio, foi dita uma coisa mui provavelmente verdadeira, ainda que evidentemente se possa discutir a respeito da atividade auto-erótica, se ela é ou não, propriamente falando genital. É verdadeiro também, afinal, mas a coisa importante para nós, de uma incidência essencial, não é do caráter mais ou menos fisiologicamente caracterizado como genital, ele parece aparecer bem como representando um primeiro impulso da evolução fisiológica, é de sua estruturação sobre o plano fálico de que se trata, e é isso que é decisivo para a continuação da neurose.

Afinal de contas, de que se trata? Se for verdade, como eu disse, que deve se realizar algo no plano do inconsciente, que seja equivalente, se assim se pode dizer, à *palavra plena*, isto é, lá onde o discurso se articula no lugar do Outro e volta como um significado ao sujeito, interessando o *eu [m]* do sujeito como tal, o que o sujeito tem observado concretamente por si mesmo, em relação à imagem do Outro. Aqui toda e qualquer espécie de acabamento da articulação inconsciente não quer dizer nada mais que isto: que este circuito que parte da confrontação do sujeito à sua demanda acabada, se formula num desejo articulado como tal, satisfatório para o sujeito, ao qual o sujeito é idêntico, e que vem terminar num certo lugar neste circuito, no lugar que é precisamente o lugar do outro na qualidade de ser humano marcado pela linguagem, na qualidade de ser humano marcado pelo drama próprio do complexo de castração, na qualidade de verdadeiramente um outro *eu-mesmo [má-mê]*, e vem aí não direi formular num *eu sou idêntico ao falo*, mas *estou no próprio lugar que de ocupa na cadeia, na articulação significante*. O sentido de *Wo es war, soll Ich werden* é isso, é na medida em que o sujeito preso neste movimento do significante deve conseguir conceber que aquilo a que ele foi precocemente confrontado, a este significante do desejo que lhe subtrai o objeto total da mãe, este falo, ele não o é, mas está submetido à necessidade que faz com que este falo ocupa um certo lugar em que o sujeito chega a realizar que ele não o é, e a partir de lá, e a partir de lá unicamente, ele pode aceitar o que foi em todos os lugares o processo profundamente posto em causa, a saber, de saber se ele o tem ou se ele não o tem, e aceita tê-lo quando ele o tem e não tê-lo quando não o tem.

25 de junho de 1958

É aí, neste lugar, e na articulação da cadeia significante ao fundo, na elucidação da relação do sujeito ao falo, na medida em que ele não o é, mas que deve vir em seu lugar, que um acabamento ideal tal como o que Freud articula em *Wo es war, soll Ich werden*, é concebível.

Isto, que é a condição necessária para que orientemos nossas intervenções e nossa técnica, isto será o objeto de meu seminário do próximo ano, que chamarei, propriamente falando, *o desejo e sua interpretação* como se chega a isso. Tais são as direções e as diretivas que nos permitem ver os modos de acesso a esta mensagem última que é a fórmula freudiana, com seu jeito lapidar pré-socrático, se articula, será o objeto daquilo que tentaremos articular ano próximo, o que ocorre, tido quanto ocorre diferente disso, é mui precisamente o que a neurose ou qualquer outra forma de anomalia da evolução realiza espontaneamente, ou que a neurose, no caso da neurose obsessiva, realiza bem como o lugar do desejo situado numa profunda incerteza no histérico e fixado por ele por um certo rodeio que ela ou ele descreve sobre o modelo daquilo que lhe permite situar seu *eu* [*moi*].

A histérica, bem como todos os sujeitos, sabe muito bem que é por um certo rodeio, e na medida em que ela se fixa em relação à imagem do outro, que acha, que pensa que encontrou o lugar de seu *eu* [*moi*], o lugar do desejo. Ela o obtém exatamente da mesma maneira no nível superior por assim dizer, que se a histérica se separar, se afastar do outro, do significado do outro, ela consegue se situar num certo tipo ideal, numa certa imagem à qual se identifica. É também por um rodeio análogo, já o expliquei, que Dora se identificou ao Sr K. Ela encontra o lugar deste desejo cujo ponto ela tenta situar, a saber, como é que se pode, quando é uma mulher, desejar uma mulher, quando se é impotente. Eis o caso para Dora.

Para o obsessivo, o processo é o mesmo, com a diferença que, da mesma maneira que é no nível do ideal da máscara da identificação que a histérica tentava encontrar as dificuldades as dificuldades de sua posição. É, pelo contrário, sobre o que podemos chamar de praça-forte de seu *eu* [*moi*], que o obsessivo se situa para tentar encontrar o lugar de seu desejo. É por isso que digo que ele vai em algum lugar também, como sabemos por toda a experiência, estas famosas fortificações à Vauban de que falei alhures, esta espécie de fortalezas nas quais um desejo sempre ameaçado de destruição se ampara, é algo que o faz sobre o modelo de seu *eu* [*moi*], evidentemente em relação à imagem do outro.

Esta relação à imagem do outro consiste mui precisamente no falo significante, este falo significante sempre ameaçado de destruição porque preso numa denegação a reencontrá-lo na relação ao outro, isto é, este algo que por exemplo, vocês vêem assinalado em todas as observações do autor do qual estou falando nesta oportunidade, isto é, que sempre, em todo e qualquer obsessivo, homem ou mulher, vocês vêem, desempenhando um papel fundamental, essencial, aparecer num dado momento de sua história a esta identificação ao outro com um *pequeno o* [*a*], um semelhante, um camarada, um irmão pouco mais velho um camarada contemporâneo, mas que têm, todos eles, e em todos os casos, o prestígio de ser mais viril que eles, aquele que tem a potência.

Aqui o falo aparece sob sua forma, não significante, não simbólica, mas sob sua forma imaginária, imaginária de complemento de uma imagem mais forte que eles mesmos, de uma imagem de potência. Quem articula isto não sou eu, vocês o encontrarão articulado no artigo que citei. Esta pessoa fala em lugar adequado, dos termos que estou citando. É reconhecido por aqueles que sua experiência destes assuntos inspira, que isso é algo que funcionalmente é absolutamente essencial. A ênfase, se quiserem, está na imagem do outro na medida em que imaginariamente, a mulher, desta vez a mulher fálica no sentido

25 de junho de 1958

imaginário, é enfatizada, sublinhada, que é isso que aqui toma valor e função, não mais de simbolização do desejo do outro, mas desta relação imaginária de prestígio, de garbo, de precedência que já temos marcado, a função no nível da relação narcísica.

É isto que ocorre no sintoma como tal, no sintoma obsessivo, na história do obcecado e é isso que marca a função especial que toma a relação do sujeito como tal nos fantasmas com este outro imaginário que é seu semelhante. Esta distinção da presença do *Outro* e da presença do *outro* é sensível na própria evolução da observação. Se lerem esta observação atentamente, a saber, a observação da mulher de que se trata, verão uma evolução muito curiosa entre o começo do tratamento, quando ela não pode falar, e continuação, quando ela não quer falar, porque primeiro é no nível que se instituiu a relação da analisada com o analista, e neste nível ela se recusa, e o analista o percebe muito bem, porque não é assim que ele o exprime, porém é assim que sua demanda não pode ser senão uma demanda de morte.

Claro, depois ocorre outra coisa, e é muito divertido constatar que o analista se apercebeu perfeitamente que havia uma diferença: as relações melhoraram. No entanto ela continua sem falar, agora ela não quer falar. A diferença é que quando não se quer falar, é por causa da presença do *Outro*. Mas o que justamente é inquietante, preocupante, é que se ela não pode falar, é porque o que veio no lugar deste *Outro* é justamente o *outro* que o analista fez tudo para presentificar. Por que ele fez isso? Porque, rasteando as coisas, ele vê muito bem, através do conteúdo daquilo que o sujeito traz, o lugar que ocupa o fantasma fálico. Evidentemente é com isso que o sujeito se defende, ele passa o tempo martelando-o, que queria ser um homem.

Isto depende de como se entende isso. É verdade que o sujeito, no nível imaginário, faz efetivamente deste falo um seio, que a condição de homem na qualidade de provido do falo, e unicamente na qualidade de provido do falo, é algo que representa um certo elemento de potência.

O que se trata de saber, é justamente por que ela precisa tanto desta referência deste elemento que é um elemento de potência, o falo. Por outro lado, é em toda autenticidade que ela nega absolutamente ter o desejo de ser um homem. Mas aí não a soltamos, quero dizer, que interpretamos em termos sumários de agressividade, mesmo de desejo de castração do homem, as coisas que são de uma articulação muito mais complexa, que devem ser articuladas diferentemente, se acompanharmos aqui o que estamos tentando desenhar. Toda a evolução do tratamento, a maneira com que é dirigido, e é aí que está toda a ambigüidade entre interpretação e sugestão, tende todavia a indicar este termo para não usar outro a respeito de algo que é o outro mesmo, ninguém duvida disso, o próprio autor o sublinha bastante na maneira pela qual articula sua própria ação, e também que é uma mãe benevolente, que é um outro muito mais gentil que o outro com o qual o sujeito teve que lidar, que intervém para lhe dizer, conforme a fórmula que o autor usa alhures em termos que são aproximadamente estes: *isto é meu corpo, isto é meu sangue, este falo, podem confiar em mim, homem como tal, absorvem-no, eu permito, este falo é o que deve lhes dar força e vigor*, é o algo que deve resolver todas as suas dificuldades do obsessivo.

Na realidade, o que é dado no fim do tratamento como sendo resultado é literalmente isto, que nenhuma das obsessões cedeu, que elas são simplesmente suportadas, sofridas, mas sem culpabilidade alguma. Isto se modela estritamente sobre aquilo que estou lhes dizendo, que normalmente deveria ser o resultado de um tal modo de intervenção.

25 de junho de 1958

Inversamente, como eu disse, é igualmente surpreendente ver o tratamento terminar pelo fato de que, no ponto em que foi deixado, a paciente manda ao analista seu próprio filho. É certo que esta ação é bastante surpreendente, porque o fato de que o sujeito durante toda sua vida sentiu um santo terror diante deste filho do qual, através do contexto, se sente a perspectiva, as imagens que dele faz o analista, do qual se sente que ele pertence, faz parte do fato que sempre houve um problema com este filho. É o mínimo que se pode dizer.

Será que, precisamente, na oportunidade, o fato de que o filho seja oferecido ao analista no fim, não seria de alguma forma, a marca, o *acting-out* marcando aquilo que precisamente falhou? Isto é, que é neste ponto, neste ponto de mediação em que o falo é algo totalmente diferente, um mero acessório da potência, onde ele é este meio, esta mediação por onde, no nível significante, o que ocorre entre o homem e a mulher está simbolizado. Será que esta criança, da qual a experiência analítica, e quero dizer o que Freud articulou, estas relações da mulher ao pai nos mostram a equivalência entre este desejo do dom simbólico do falo e esta criança que vem substituir ao pai? É mui precisamente na medida em que a criança ocupa o mesmo lugar, este lugar que não foi trabalhado, que não foi elucidado no tratamento, a saber, um lugar simbólico, é na medida em que o sujeito, sem querer e certamente de maneira inconsciente, mas exatamente da mesma maneira pela qual se apresenta um *acting-out*, quando algo falhou numa análise, que o sujeito mostra que algo diferente deveria ter sido realizado, que aquilo que, no tratamento termina nesta espécie de embriaguez de potência, de bondade, de embriaguez quase maníaca que é o ordinário e o signo destes tratamentos que terminam com uma identificação imaginária que, afinal de contas, é o quê? Nada mais além de uma certa maneira de colocar a sua última conseqüência, de facilitar, por assim dizer, pela via da aprovação sugestiva, que já se encontrava nos mecanismos da obsessão, a saber, esta absorção ou esta incorporação do falo, no nível imaginário. É já o que é um dos mecanismos da obsessão, é na mesma via escolhida, se quiserem, entre os mecanismos de defesa da obsessão, que a solução, digamos assim, está dada por isto que é a aprovação suplementar daquilo que agora é uma boa mãe uma mãe que permite absorver o falo.

Para a solução de uma neurose, devemos nos contentar com algo que não é aqui colocado senão no último termo de um destes componentes constituintes de neuroses enquanto tais, de um sintoma mais bem feito, se assim posso dizer, destacado de outros?

Não penso que possamos nos considerar como satisfeitos, também não penso ter dito tudo quanto posso dizer a respeito deste tratamento e hoje, mais uma vez, o tempo nos alcança. Daqui até a próxima vez, escolherei os três ou quatro pontos na observação que destacarão ainda mais aquilo que acabei de tentar, articular hoje. Depois diremos algumas palavras sobre nossas conclusões sobre *as formações do inconsciente* para resumirmos o circuito que operamos este ano, após o que, só faltará aguardar para nos engajarmos numa nova etapa ano próximo.